



Apocalipse e cultura ocidental

Paulo Nogueira ¹

O Apocalipse de João é uma obra controversa. Por um lado, ela é associada a crenças radicais, vinculadas a esperanças de final dos tempos antecedidos de pragas e de juízo final. Essas pragas e cenas de juízo contam entre os textos mais plasticamente violentos de todo o Novo Testamento. Isso faz do último livro do cânon cristão uma leitura por vezes indigesta e, portanto, evitada em sermões e catequeses. Por outro lado, sua influência na liturgia e no imaginário cristão é inegável. No Apocalipse encontramos preservados hinos dos primeiros cristãos, como a famosa doxologia do capítulo 4. Também é neste capítulo que é narrada a visão do trono de Deus, a única de todo o Novo Testamento. Devido a seu caráter visual e imagético, nossa imaginação sobre Deus, sua corte celeste, os anjos, etc. é daí derivada. Isso acaba transformando o Apocalipse de João em uma espécie de motor simbólico da cultura ocidental ou, nas palavras de Northrop Frye, em seu “grande código”. Essa afirmação é forte, provocativa e, portanto, exige de quem a assume como correta algumas precisões. Em primeiro lugar haveria que deixar explícito que, a despeito do Apocalipse promover a geração de imagens, visões, narrativas, enredos, doutrinas, comportamentos, ele não o faz isoladamente, mas sempre acompanhado e em interação com outros textos e imagens fundantes da cultura. O Apocalipse é potente por sua polissemia e por seu poder de simbiose com outros textos religiosos. É um código cultural por seu poder de se lançar nos jogos de significações. Por isso podemos ver as releituras mais criativas e significativas em visionários como Hildegard von Bingen ou Joaquim de Fiori, que não se limitam a comentar o texto, mas o recriam em fricção com outras imagens e perspectivas. Nesses processos de fricção na cultura o Apocalipse entra em contato com elementos das culturas e contextos locais de seus leitores. Em segundo lugar, a afirmação acima – da centralidade do Apocalipse na cultura ocidental – não é festiva nem comemorativa. O Apocalipse de João também é o motor simbólico dos mais diversos discursos e ideologias de dominação. Os projetos de poder imperialistas, do passado e da contemporaneidade, não raramente se apropriaram do último livro da Bíblia cristã no intuito de legitimarem suas pretensões. O

¹ Doutor em Teologia pela Ruprecht-Karls Universität Heidelberg, professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas. Bolsista produtividade CNPq, nível 2.



dualismo do livro, típico da linguagem apocalíptica, foi exacerbado e adaptado a novos contextos, servindo bem ao projeto de estigmatizar os inimigos e determinar seus destinos. Em suma: dizer que o Apocalipse é uma narrativa central de nossa cultura requer responsabilidade crítica e capacidade de lidar com as apropriações de um texto que pode tanto promover visões místicas, criações artísticas e práticas religiosas populares quanto ideologias imperialistas, discursos fundamentalistas e práticas opressivas.

Este dossiê é, portanto, um espaço e um convite para reflexão crítica. Em vez de se debruçar em exegeses do livro em seu contexto no mundo antigo, os artigos se propuseram mostrar as formas como o texto foi recebido e interpretado na cultura. Eles analisam como o Apocalipse pode ressignificar o mundo em contextos tão plurais como a cultura popular brasileira ou a cultura pop norte-americana. Permitem também entender suas transformações e processos de geração de sentido do discurso teológico às linguagens artísticas, como as HQ, o cinema e a música. Como um dos artigos mostrou, o Apocalipse também seguiu ecoando para fora de si mesmo, quando seus temas foram reescritos e produziram novas narrativas, como na literatura apócrifa do cristianismo primitivo. O Apocalipse desempenhou um poder de lançar temas e imagens na história, na criação de novos gêneros, como no caso dos apocalipses de viagem ao mundo do além, da antiguidade tardia.

Vivemos em fim dos tempos. De um tempo sentido como derradeiro, como urgente, tempo de ruptura, de crises e enfrentamentos. Nesse tempo escatológico não cabem mais as certezas exegéticas, hermenêuticas e teológicas que nos pautavam até pouco tempo atrás. O Apocalipse não nos embasa mais, mas tampouco o entregaremos aos fanáticos da vez. Temos, portanto, que buscar novos caminhos, novas hermenêuticas: cultivar o Apocalipse! Isso significa que devemos nos debater com nossa narrativa *master* do fim; narrativa das crises que antecedem esse fim e das esperanças que desejamos que se concretizem.